

MULTIMODALIDADE E ARGUMENTAÇÃO NO GÉNERO TEXTUAL *REPORTAGEM*

MULTIMODALITY AND ARGUMENTATION ON THE GENRE *REPORTAGE*

Audria Leal*
audrialeal@fcsh.unl.pt

Este artigo pretende estudar o papel do *visual* na argumentação do género *reportagem*. Para isso, analisamos dois textos deste género textual da revista portuguesa: *Visão*. Para esta análise, seguimos a proposta teórica da Semiótica Social, incluindo o quadro metodológico da Gramática do Design Visual. De fato, tal como indicado, o presente artigo procurará levar em consideração o papel do não-verbal no género *Reportagem* e em relação à função social do género. Os resultados indicam que os significados das representações visuais participam como argumentos da *reportagem* e são construídos a partir das práticas sociais para atender a função comunicativa do género.

Palavras-chave: multimodalidade, género textual, semiótica social e argumentação

This paper aims to study the role of the visual in the argumentation used in the genre news report. For this purpose, we look at two texts of this genre from the Portuguese magazine *Visão*. Our analysis is based on the theoretical assumptions of Social Semiotics, including the methodological framework of the Grammar of Visual Design. In fact, the present paper seeks to consider the role of the non-verbal dimension in the genre news report and also in relation to the social function of this genre. The results indicate that the meanings of the visual representations participate as arguments in the news report and they are built from the social practices to fulfil the communicative function of the genre.

Keywords: multimodality, text genre, social semiotics and argumentation

* CLUNL/FCT, Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
O presente trabalho foi financiado por Fundos Nacionais através da FCT — Fundação para a Ciência e Tecnologia (Portugal), no âmbito do projeto UID/LIN/03213/2013 e do projeto SFRH/BPD/111234/2015

1. Introdução

Sabe-se que, com o surgimento das novas tecnologias, as formas de comunicação humana mudaram. Hoje vemos que outros modos semióticos passaram a interagir com o sistema linguístico. Na sociedade atual estamos inseridos em uma grande ambiente multimodal (*cf.* Dionísio & Vasconcelos 2013) em que imagens, sons, cores, movimentos entre outros vão interagir com as palavras sejam escritas ou orais. Esta comprovação mostra uma mudança de paradigma no campo dos estudos da linguagem.

Diante desta constatação, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre o papel argumentativo que diferentes modos semióticos podem vir a apresentar nos textos. Este objetivo parte de duas premissas: a primeira refere-se a afirmação do autor Kress (2003, p. 3) que defende serem os textos manifestações do discurso. A segunda é a noção de que os textos que circulam socialmente são multimodais (Dionísio 2006; 2011), uma vez que convocam vários sistemas semióticos. Em consequência, os discursos são manifestados por diferentes formas semióticas, uma vez que os discursos são perpassados não apenas no campo da língua, mas também e sobretudo pela relação entre a língua e os demais sistemas.

Nesta linha de pensamento, a argumentação, enquanto objeto de investigação das ciências da linguagem, também está inserida nas práticas textuais de carácter multimodal. Ou seja, a argumentação não é apenas uma construção linguística mas também uma prática de linguagem em que diferentes factores vão estar envolvidos para uma eficaz ação social. No seguimento desta ideia, Koch (2002, p. 15) refere que a própria “linguagem passa a ser encarada como forma de ação, ação sobre o mundo dotada de intencionalidade, veiculadora de ideologia, caracterizando-se, portanto, pela argumentatividade”. Assim, a argumentatividade se torna ela própria um fenómeno observável nos textos, enquanto ação social, e com clara ligação a processos discursivos. Ainda ao encontro desta linha de pensamento, Pinto (2010, p. 386) defende a argumentação como uma “atividade que se vale de recursos lógico-formais ou ainda plurissemióticos para convencer um interlocutor”, sendo mesmo uma atividade interativa.

Em suma, a argumentação não é apenas um modo retórico, ou seja, não é apenas uma maneira de transmitir ideias, mas é sobretudo uma forma de ação social construída na interação com o outro, a partir da intencionalidade de persuadir o interlocutor para a completa adesão ao discurso. Sendo

assim, entender este processo acrescenta esclarecimentos significativos sobre o funcionamento da linguagem em sociedade. Além disso, o próprio não verbal ao interagir com o verbal participa na construção da argumentação. Partindo destes pressupostos e no intuito de atingir o objetivo deste artigo, procuraremos estudar, mais especificamente, o papel da imagem e outros recursos semióticos, tais como uso da cor, por exemplo, na construção da argumentação no género reportagem.

A reportagem é, sem dúvida, um género reconhecidamente multimodal. Mesmo se o seu suporte for em papel, este género apresenta vários tipos de modos semióticos, tais como fotografias, infográficos, tabelas, entre outros, além do uso da cor e do tamanho da letra para salientar uma informação específica. Esta confirmação traz como implicação o fato de que os diferentes sistemas (verbais e não verbais) vão interagir para que seja possível atender à função social deste género. Além disso, a reportagem caracteriza-se por apresentar uma interpretação dos fatos jornalísticos. Como Medina (1988) especificou, a reportagem caracteriza-se por ter um olhar *subjetivo* quando o repórter escolhe um foco na abordagem da descrição e observação dos acontecimentos. Assim, ao contrário da notícia em que predomina a apresentação dos fatos e dos editoriais (ou artigos de opinião) em que lemos os juízos de valor, a reportagem apresenta a interpretação de maneira mais desenvolvida. É importante notar que esta interpretação é construída tanto pelo linguístico como pelo visual. E é na conjugação destes dois elementos que se constrói uma argumentação com o objetivo de obter a credibilidade por parte do leitor.

No intuito de atingir o nosso objetivo, iremos trabalhar com duas reportagens recolhidas na *Visão*, revista de circulação em Portugal. Vamos analisar as reportagens de capa, as chamadas “grandes reportagens”. Desse modo, analisaremos tanto a capa quanto as páginas internas da *reportagem*. Como resultado do nosso trabalho, esperamos contribuir para refletir sobre o funcionamento de textos em que se congregam elementos linguísticos e não verbais, verificando a forma como eles se articulam na sua ação social, inclusive, no processo de persuasão¹ do leitor para a adesão a tese defendida pelo repórter.

1 Consideramos aqui o termo “persuadir” como a intenção de levar o interlocutor a acreditar em algo ou a fazer algo. O mesmo que convencer ou induzir.

2. Argumentação nos estudos da linguagem: algumas considerações

A preocupação em entender a argumentação remonta à antiguidade clássica, mais precisamente quando Aristóteles sistematiza os estudos da Retórica Clássica, relacionando-os ao próprio ato de argumentar. De facto, ao fazer um levantamento sobre os pensamentos deste filósofo, encontramos, nos três livros dedicados à Retórica, elementos que fundamentam e influenciam os posteriores trabalhos desenvolvidos sobre esse tema.

A problemática da argumentação ligada aos estudos da linguagem, segundo Koch (2002, p.18), começa a ter um lugar de destaque com o surgimento da Pragmática. Contudo, foram os trabalhos de Perelman (1977), filósofo e jurista, que deram um novo impulso aos estudos sobre argumentação ao procurar atualizar a retórica clássica aos contextos atuais.

Atualmente, para os estudos linguísticos, os trabalhos de Ducrot (1972) e Anscombe & Ducrot (1972) fornecem caminhos que orientam a perceber processos argumentativos na língua. E, mais especificamente, para o campo dos estudos textuais, Adam (2008) dá um importante contributo ao apresentar um outro olhar sobre este tema ao relacionar a argumentação às unidades que organizam o texto. Para este autor (1992), o texto é constituído por unidades prototípicas conhecidas como *sequências textuais* que são designadas como *narrativas, argumentativas, explicativas, descritivas e dialogais*. Estas sequências são consideradas unidades que entram na estrutura composicional dos textos. Com diversos modos de combinação lineares ou encaixados, as sequências aparecem nos textos de forma articulada, apresentando uma estrutura global. Ainda de acordo com Adam (1997), “La structure globale est, le plus souvent, déterminée par une autre donnée: le plan de texte”. Ou seja, as unidades que organizam os textos são parte do plano geral do texto. Por sua vez, o plano de texto é mais ou menos estabilizado quando o produtor adota um género textual e, na produção deste texto, adapta as características para atender ao propósito comunicativo. Isto significa que, de facto, os planos de textos são mais ou menos regularizados num género, no caso de Adam, género de discurso. Adam (1997) afirma ainda não ser possível separar a dimensão global do género de suas unidades microlinguísticas, o que põe em causa os limites da linguística clássica. Para este autor (Adam, 1997), a análise das formações discursivas começa pelo estudo do género que clarifica a ligação entre a organização textual e o lugar social em que foi constituído.

Além dessa dimensão composicional, Adam em trabalho com Bonhomme também associa a argumentação a uma dimensão mais conceptual, tal como podemos ler na citação abaixo:

Il ne faut pas confondre l'unité qui entre dans la composition des textes et que nous désignerons par le terme de séquence argumentative avec l'argumentation en général. Par le discours, le sujet parlant fait allusion à un "monde" (réel ou fictif, présenté comme tel ou non), il construit une représentation : c'est la fonction descriptive de la langue. Mais parler, c'est chercher à faire partager à un interlocuteur des opinions ou des représentations relatives à un thème donné, c'est vouloir provoquer ou accroître l'adhésion d'un auditeur ou d'un auditoire plus vaste aux thèses qu'on présente à son assentiment.

(Adam & Bonhomme, 1997, p. 109)

Assim, para Adam & Bonhomme (1997) a argumentação está subjacente à orientação do discurso para que possa haver a adesão do interlocutor da interação. Para isso, o produtor do texto procura mostrar um ponto de vista, defender uma tese. Sem dúvida, esta noção está relacionada à ação de persuadir. Segundo Pinto (2010, p. 84) esta definição de Adam aproxima-se da noção de teóricos como Perelman & Olbrechts-Tyteca. Estes autores defendem, assim como Adam, que a argumentação é organizada e direcionada para ter a adesão de um ouvinte ou de um público. Além disso, Pinto (2010, p. 85) salienta ainda que Adam (1999) integra as noções de *ethos* e *pathos*, procurando relacionar a argumentação com a construção das imagens dos enunciadores² no discurso.

Em suma, os estudos da linguagem mostram que a argumentação apresenta duas dimensões: uma dimensão conceptual que se relaciona com a sua noção, seus efeitos de sentido, sua descrição e classificação; e outra dimensão organizativa que é revelada em um plano de texto associado a um género, procurando mostrar a sua ação dentro de atividades sociais. Sem dúvida, o trabalho dos autores neste campo³ será reconhecido pelo enfoque que é dado a cada uma destas dimensões. Contudo, o destaque atribuído a uma dimensão não exclui a outra. Aliás, as duas dimensões podem ser analisadas em conjunto, como bem mostrou Adam (2008) ao analisar os discursos de De Gaulle e Pétain, nos Apelos de 17 e 18 de junho de 1940.

2 Neste caso, consideramos enunciadores como a instância responsável pelo enunciado.

3 Para mais detalhes sobre os diferentes autores que trabalham com argumentação, consulte Pinto (2010).

De facto, o nosso interesse neste artigo circunscreve-se ao objetivo de pôr em evidência o papel argumentativo dos diferentes modos semióticos. Assim, procuraremos mostrar que a argumentação não é apenas construída pela língua, mas também pelos recursos icónicos. Assim, assumiremos a noção de argumentação de Pinto (2010), tal como podemos ler a seguir:

Argumentação] corresponde a todos os *mecanismos plurisemióticos* (verbais e não-verbais) presentes em textos que circulam nas diversas atividades sociais (e são por elas coibidos) como o objetivo de *persuadir* determinado interlocutor a perfazer determinado ato, a aderir a uma ideia, a ser convencido a agir de determinada forma.

(Pinto 2010, p. 43)

Tal como mostra esta citação, a construção da argumentação corresponde tanto a processos verbais, como a processos não-verbais. Com efeito, em textos de géneros que são, de forma consensual, considerados multimodais como a reportagem, as imagens também são argumentos para a tese defendida pelo repórter. Partindo dessa noção central, vamos procurar mostrar como as imagens são argumentos para a tese do género *reportagem*.

3. Multimodalidade e a noção de texto multimodal

O termo *multimodalidade* refere-se a presença de diversos modos semióticos presentes na comunicação humana. Entre estes modos, podemos citar além da linguagem verbal, o gesto, a imagem, os infográficos, diagramas, tamanho das letras, tipos de letra, entre outros. Com o advento das novas tecnologias, cade vez mais há um interesse por parte dos estudiosos da linguagem humana em verificar quais os papéis que estes modos têm na sociedade.

Os primeiros autores que aplicaram o termo *multimodalidade* ao domínio dos estudos dos textos e dos discursos foram os investigadores Gunther Kress e Theo van Leeuwen. Estes autores concluíram que todos os textos são multimodais uma vez que na sua organização geral são observados mais de um modo semiótico. De facto, ao defender que a língua é construção social e ciente do papel do visual na realização dos textos e dos discursos, Kress & van Leeuwen (2006) concebem, na década de oitenta, um campo de estudo conhecido como semiótica social. Esta linha de investigação parte dos pressupostos gerais da linguística sistémica e funcional e aplica-os aos aspectos visuais da linguagem.

Assim, para a semiótica social, a multimodalidade se torna aspecto central. Com efeito, um dos pontos fundamentais da semiótica social é a de que analisar o multimodal é compreender todos os elementos que constituem a linguagem. Como consequência, estes autores tornam-se defensores de associar os elementos verbais e não-verbais em um estudo conjunto, verificando os diferentes significados que eles adquirem no texto. Para atingir este objetivo os autores elaboram um quadro teórico-metodológico conhecido como a *gramática do design visual* desenvolvida em Kress & van Leeuwen (2006). O interesse é prover uma gramática que também dê conta dos significados realizados pelo visual, procurando interpretar experiências e formas de interação social dentro de uma perspectiva semiótica. Para isso, os autores Kress & van Leeuwen (2006) retomam as três metafunções propostas por Halliday (1978), *interpessoal*, *ideacional* e *textual* da gramática sistêmico-funcional e aplicam-nas às análises de textos multimodais. Deste modo, Kress & van Leeuwen (2006) concebem outras três (meta)funções distintas que serão denominadas de significados, são elas: a *representacional*, *interacional* e *composicional*. Além disso, os autores nomeiam de *participantes* os elementos que participam tanto do contexto como aqueles que integram apenas no cotexto. Os participantes do contexto são conhecidos como interativos e correspondem ao produtor e ao leitor do texto. Os segundos são conhecidos como participantes representados, sendo todos os elementos visuais que estão a participar no interior do texto. O quadro a seguir apresenta os três tipos de metafunções e qual o significado estabelecido:

Quadro 1: Tipos de significado na Gramática Design Visual

Representacional	Indica o que está sendo apresentado pela cena comunicativa, quais as relações que estão sendo construídas entre os participantes representados e quais as circunstâncias.
Interativa	Indica a relação entre os participantes (interativos e representados). Analisa as relações construídas entre quem vê e o que é visto.
Composicional	Indica a estrutura e a construção textual. Analisa a disposição dos elementos e seus respectivos significados.

É importante ainda referir que o seu alcance está, de certa forma, circunscrito às culturas ocidentais. Isto porque a relação entre linguagem verbal e não-verbal, como também o próprio reconhecimento e o papel do não-verbal,

é determinado pela cultura da qual provém o texto. Além disso, assumimos que as atividades comunicativas não só determinam a escolha do gênero, como também influenciam a função que os diferentes elementos semióticos irão ter no texto. E, como consequência, o texto enquanto materialização empírica do gênero vai apresentar na sua própria organização interna os elementos que evidenciam a relação entre o gênero e a atividade social.

4. Multimodalidade na reportagem da revista *Visão*

Podemos afirmar que os elementos norteadores da atividade jornalística são a informação, interpretação e opinião. O funcionamento desta tríade fundamenta-se em três objetivos: apresentar os fatos (informação), relacionar os diferentes fatos (interpretação) e o julgar estes fatos (opinião). A ênfase dada a cada um dos objetivos vai caracterizar o texto jornalístico (Medina, 1988). Isto quer dizer que, enquanto na notícia predomina a apresentação dos fatos e nos editoriais (ou artigos de opinião) os juízos de valor, é na reportagem que a interpretação dos fatos encontra a sua expressão mais desenvolvida. Para Medina (1988), esta interpretação é construída a partir do olhar subjetivo do repórter ao escolher um foco na abordagem da descrição e observação dos acontecimentos. Essa escolha é construída tanto pelo linguístico como pelo não-verbal.

É na conjugação destes dois elementos, verbal e não-verbal, que se constrói uma tese a ser apresentada em uma argumentação direcionada para persuadir o leitor a aderir ao ponto de vista do repórter, sendo este ponto de vista sempre subjectivo. Vejamos agora o papel do não-verbal na construção desta argumentação. Apresentaremos como primeiro exemplo a reportagem da revista *Visão* publicada na semana de 05/11/2015 a 11/11/2015.

A reportagem, intitulada *O Amigo, O dinheiro e as Escutas* tem 7 páginas e é uma reportagem de capa, tendo assim o papel de atrair o leitor para a compra da revista. A temática é sobre as transferências de dinheiro entre o ex-primeiro-ministro de Portugal, José Sócrates e o empresário Carlos Santos Silva, desde o ano de 2013. O inquérito para investigação foi instituído com base na alegação de que essa transferência corresponderia a um caso de corrupção. Esta alegação baseia-se tanto pelo alto montante da transferência, 23 milhões, quanto pelas suas particularidades, tais como, a não devolução do empréstimo, entre outras, apesar de não saberem de onde veio o dinheiro e

Exemplo 1:



Figura 1. Capa da Reportagem da *Visão* da semana 05 a 11/2015.

em troca do quê. Apesar de na altura o caso ainda estar em fase de inquérito, portanto sem certezas quanto à condenação do arguido, nesse caso, a tese instituída pelo repórter parece ser o da culpabilidade de Sócrates. Tal como já dito, vamos enfatizar os aspectos icónicos e mostrar que a imagem corrobora esta tese.

Começaremos a nossa análise a partir da capa da revista, uma vez que todo percurso interpretativo da reportagem irá começar exactamente pela capa. Visualmente, a capa apresenta o ex-primeiro-ministro a caminhar num caminho formado por notas de 500 euros. Nesta primeira visualização, detetámos o significado representacional. Para os autores Kress & van Leeuwen (2006), o significado representacional divide-se em dois tipos: as narrativas e as conceituais. As representações narrativas podem ser identificadas pelo analista como ações, eventos e processos de mudança que é representado pela imagem. Quanto ao significado conceitual, não é possível visualizar ações, mas as imagens representam os participantes conceitualmente, em termos de tipos ou classes, caracterizando-os na sua estrutura ou significação.

Na imagem da capa, percebemos tanto a representação narrativa, em que mostra o ex-primeiro-ministro a caminhar, quanto a representação conceitual, representada pelas notas de dinheiro. É a junção destes dois tipos de representações que leva o leitor a interpretar que o antigo primeiro-ministro

está envolvido em esquemas que o permitem ter muito dinheiro. A própria imagem do dinheiro traz uma representação de riqueza dentro da sociedade ocidental. Ao visualizar esta representação, o leitor é induzido a acreditar que a ação de caminhar sobre o dinheiro significa “ter muita riqueza”. Esta ideia é reforçada pelo título da capa “Tudo o que há contra Sócrates”, ou seja, a reportagem apresentará o que há contra o agente e não procurará fornecer dados sobre o que há a favor. Outro elemento semiótico, além da imagem, que induz a esta interpretação é o uso do negrito e de letras maiúscula no título. Esta saliência reforça a construção de significados já apresentados pelo visual. Simultaneamente, também, ocorre o reconhecimento do papel social dos agentes envolvidos na reportagem, o que poderá influenciar na adesão da tese. Como visualizámos, a imagem retrata uma figura pública que teve um papel social importante, primeiro-ministro em Portugal de 2005 a 2011, e, por isso mesmo, este papel social incute a interpretação de que caminhar sobre o dinheiro seja considerado, à partida, como um indício que o culpabiliza. Desse modo, podemos afirmar que a representação conceitual realizada na identificação da fotografia do personagem traz informações sobre o participante da imagem para, a partir destas informações, o leitor reconhecer o que a imagem significa ou o que ela é. Esta representação estabelece, assim, a identidade desse participante, fornecendo inferências para a constituição da tese. Assim, a capa qualifica-se, no percurso argumentativo, como o primeiro contato do leitor com a ponto de vista do repórter apresentado na *reportagem*.

Esta interpretação será reforçada no seguimento da reportagem; vejamos as duas primeiras páginas, 40 e 41:



Figura 2. Reportagem em análise – p. 40-41.

Mais uma vez, temos uma representação conceitual que retoma o significado construído pela figura 1. Aqui, o ex-primeiro-ministro é representado como tendo dinheiro até o pescoço, sendo mesmo quase “afogado” pelo grande número de notas (notas de 20 euros). Fica de fora apenas o seu rosto que interage com o leitor através do olhar e do seu sorriso. Neste momento, constrói-se o significado interacional a partir do olhar de Sócrates para o leitor. Parece mesmo que Sócrates, ao interagir com o leitor, mostra a sua satisfação através deste sorriso. Ao lado do seu rosto, temos o título, *O Amigo, O dinheiro e as Escutas*, e o lead. Abaixo do lead, está o mar de notas. A própria imagem já responde a algumas questões do lead, pois não só participa da temática, como também, e principalmente induz inferências no processo de leitura de que Sócrates é culpado, uma vez que está submerso numa grande quantidade de dinheiro. Para esta interpretação, a representação conceitual tem um papel fundamental, pois a relação que o leitor fará a partir do visual é entre o papel social do personagem representado com o simbolismo do “mar” de dinheiro. Esta relação será reforçada pelo título: O Amigo (aquele que “deu” o dinheiro), o Dinheiro (a quantia elevada) e as Escutas (a prova da culpa). Outro exemplo de representação conceitual, do tipo analítico, que induz a significação da culpabilidade encontra-se na página 46 que apresentamos a seguir:



Figura 3. Reportagem em análise – p. 46.

A imagem mostra o caminho por onde seguiu o dinheiro. Este esquema tem como título, “O Circuito dos Milhões”. O título aparece na cor vermelha e centrada, apresentando um alto grau de saliência. Também, o uso da preposição “de” contraída com o artigo definido “os”, mostra que não é qualquer dinheiro, isto é, o uso do determinante em “dos” ou “os” reforça a ideia de que o circuito refere-se aos milhões do Sócrates. Além disso, o circuito ocupa metade da página e, logo abaixo deste esquema, aparece em destaque a citação “não acreditamos minimamente no argumento da amizade” dita por dois juízes da Relação de Lisboa que participam do processo. Este uso do argumento de autoridade (citação dos juízes) juntamente com a representação conceitual e também a composicional (saliência pela cor e posição na página) vão ser estratégias utilizadas para poder convencer o leitor a acreditar na culpa do arguido.

Contudo, como já referimos, o processo ainda está a decorrer e a revista, para manter a sua “objetividade” não deve assumir publicamente a culpabilidade de uma pessoa que ainda é considerada arguida. Para o Direito português, quando se instaura o processo e o envolvido é considerado arguido, ou seja, quando há indícios que o constituem como tendo cometido um delito, ele é considerado inocente até que seja confirmado, em sentença, a sua culpa. Só então, após a conclusão do processo, passa a ser considerado condenado. Neste caso, o ex-primeiro-ministro é um arguido e, portanto, deve ser dado o benefício de ser, à partida, considerado como inocente.

Ciente desta premissa, o repórter deverá salvaguardar a si e ao jornal/ revista (sob o risco de ser processado tanto o autor da reportagem quanto a revista) e não poderá assumir publicamente a culpa da pessoa envolvida, apesar de usar estratégias que induzem a esta conclusão. Assim, pela linguagem verbal, o produtor do texto modaliza a sua escrita, recorrendo, para isso, a várias estratégias que dão um grau de incerteza ao discurso. Entre estas estratégias está, por exemplo, o uso do tempo futuro perfeito, “terá recebido”, “terá havido”, “terá motivado”. Esta construção verbal, que será recorrente em toda a reportagem, procura colocar as afirmações no campo do “incerto”, da “dúvida”, apesar de o uso do não-verbal levar o leitor para a interpretação oposta.

Vejamos agora o segundo exemplo retirado da revista *Visão*. Tal como o exemplo 1, começaremos a nossa análise pela capa da revista:

Exemplo 2:



Figura 4. Capa da Reportagem da *Visão* da semana 04-10 de outubro de 2012.

A reportagem, intitulada *Descubra as diferenças (receitas para sair da crise) em Portugal e Lá fora*, tal como o primeiro exemplo é uma reportagem de capa e tem, mais uma vez, o papel de atrair o leitor para a compra da revista. A temática é uma comparação entre as medidas para sair da crise económica que atingiu a Europa tomadas por Portugal e por outros países europeus. Contudo, apesar de a temática ser a comparação, a tese defendida pela reportagem não se centra numa simples comparação. Ela vai ser construída para mostrar que as medidas tomadas por Portugal são ineficientes e que os outros países estão a tomar medidas acertadas. Aliás, visualmente, a capa é organizada, fazendo uso do significado composicional. O verbal é organizado em duas colunas. A da esquerda mostra as medidas tomadas por Portugal, que está apresentado com saliência na cor vermelha, o que é convencionalmente associado ao perigo. Já a coluna da direita que mostra as medidas de outros países está numa cor mais neutra, a amarelo, mas ainda com algum grau de saliência. Assim, a composição da capa já evidencia a tese “tudo o que Portugal não fez e poderia ter feito. E o que Portugal está a fazer mas não devia.” Vejamos as duas primeiras páginas desta *reportagem*



Figura 5. Reportagem em análise – p. 49.

O título *Os caminhos alternativos da austeridade* em grande saliência apresenta uma lista de exemplos que deveriam ser considerados como alternativa para as medidas imposta pelo governo de Portugal em 2012. Neste exemplo, podemos observar que as medidas estão com saliência a amarelo e a informação sobre quais os países que foram responsáveis pela medida é fornecida pela imagem e pelo nome que está sem grande saliência. Assim, a medida “redução de impostos” foi tomada pela Alemanha, “taxar os mais ricos” pela França, “menos descontos para a Segurança Social” pela Itália e “aumento do salário mínimo” pelo Reino Unido. Aqui, o que está em causa não são as consequências negativas destas medidas, mas o efeito positivo que será ressaltado ao longo da *reportagem*. Nas páginas a seguir, toda a argumentação será construída visualmente para corroborar a tese já apresentada na capa. Para ilustrar, mostraremos mais duas páginas desta *reportagem*.

Na página *Lá fora Pequena grandes diferenças* (p. 54) as medidas de sucesso dos outros países são apresentadas em forma de lista. Certamente, estamos a visualizar uma argumentação com provas concretas de que as medidas de sucesso apresentadas na *reportagem* são as mais favoráveis para Portugal e,

ECONOMIA
CRISE

Lá fora Pequenas grandes diferenças

Em Portugal, a crise está a ser enfrentada, basicamente, à custa do aumento da despesa fiscal, com cortes, no rendimento disponível das famílias. Aumentam-se os impostos, reduz-se o horário de trabalho e o salário real, em contrapartida, reduz-se o desemprego e o abono de família, eliminam-se subsídios, ou parte deles, em nome da consolidação das contas públicas. Também se vai tentando cortar na despesa do Estado, de forma tímida, restringindo umas funções ou acabando com algumas funções excessivas como a da energia. O desemprego aumenta, o consumo interno cai, a economia fica ainda mais dependente. Nada de muito diferente do que se passa um pouco por toda a Europa, incluindo nos colossais económicos, como a França e a Espanha. Porém, é ao contrário do que sucede em Portugal, lá fora vão sendo dados sinais de que a falta de crise é para ser pago por todos. Trata-se de decisões diferentes, ligadas ao rumo na forma de atacar o problema, que, por aí, poderiam fazer toda a diferença. Em alguns exemplos de medidas, algumas delas com pouco movimento simétrico, que se aplicadas em Portugal, poderiam aliviar o ritmo a que os portugueses estão a ir para a rua protestar.

Frância

- Corte de 30% das despesas da Presidência da República e dos ministros
- Número de colaboradores de cada ministro limitado a 15
- Fresta de carros oficiais do Governo depois de 17 de Janeiro
- Sem-se vai em vez de champagne, em certas recepções, no palácio do Eliseu
- Escala fiscal excessional de 75% para os rendimentos profissionais superiores a um milhão de euros por ano por pessoa

Itália

- Redução da contribuição para a Segurança Social das empresas que contratam trabalhadores mais velhos. (Em Portugal foi tomada uma medida semelhante a favor de quem contrata jovens até aos 30 anos)

Eslovénia

- Subsídio estatal aos empregados de work sharing para avaliar os lay-off
- Todos os trabalhadores assalam reduzem o horário de trabalho e o salário real, em contrapartida, reduz-se o desemprego
- Redução dos impostos sobre o trabalho extraordinário
- Criação de uma taxa única de 10%, em sede de IRS, para os cientistas que optam pelo regresso ao país natal
- Criação do Bónus Família para as famílias com crianças e crianças de famílias com crianças e crianças domésticas.
- Incentivos à troca de carros usados

Espanha

- Redução de impostos para os mais pobres
- Acordos sociais entre patronato e trabalhadores para reduzir o tempo de trabalho e as horas extraordinárias, como forma de promover o emprego

Bélgica

- Alterações no subsídio de desemprego: é mais generoso nos primeiros três meses, mas posteriormente leva um corte para incentivar o regresso ao mercado de trabalho

Reino Unido

- Aumento do salário mínimo, de acordo com a idade e a experiência do trabalhador
- Subsídio dos pensões mais baixos e do abono de família

Alemanha

- Redução de impostos, tanto para trabalhadores como para empresas

(replacada em dezembro de 2009)

- Redução de impostos para os mais pobres
- Acordos sociais entre patronato e trabalhadores para reduzir o tempo de trabalho e as horas extraordinárias, como forma de promover o emprego

EUA

- Negociação com as petrolíferas para que não criem um aumento do IVA no preço final ao consumidor

é importante, pois está a atribuir-se poder de compra a uma parte da população que não o tem», continua este doutorado em Economia.

Há um perigo, claro, o da fuga das grandes fortunas. «Os franceses estão pouco preocupados com essa chantage e fazem bem porque, normalmente, tal não passa de ameaça. No entanto, uma medida dessas pode ser acordada no seio da União Europeia, não sei porque não existe uma harmonização fiscal», observa Castro Caldas.

Estas altas taxas têm outro efeito: carregam um simbolismo. A classe média e os mais pobres ficam com a ideia de que não pagam a crise sozinho, ao contrário do que acontece em Portugal. Aliás, o Orçamento do Estado para 2013, contínuo pelos socialistas franceses, está repleto de medidas simbólicas.

Exemplos: decisão de 20% dos salários do Presidente da República e dos ministros; número de colaboradores de cada ministro limitado a 15; redução da frota de carros oficiais do Governo, que passou de 117 para 90; renovação da dirigência de empresas públicas limitada a um máximo de 450 mil euros por ano... Finalmente, deixou-se de servir champagne em certas recepções no Eliseu - agora beber-se água.

Para o combate ao desemprego, Hollande tem duas propostas: uma, já aprovada pelo Senado, passa pela criação de 150 mil postos de trabalho, subsidiados pelo Estado, para jovens com poucas qualificações e outra consiste em aumentar o valor das indemnizações por despedimento. «A ideia é encarecer de tal ordem os despedimentos que não compense às empresas fazê-los», afirma o ministro do Trabalho.

MEDIDAS ALTERNATIVAS

Na Alemanha, houve acordos sociais entre patronato e trabalhadores para reduzir o tempo de trabalho e as horas extraordinárias, como forma de promover o emprego. O primeiro-ministro, chanceler e primeiro da austeridade para os Estados do Sul de Europa, respondeu à crise financeira, em 2009, reduzindo os impostos e as contribuições sociais tanto aos empregadores como aos trabalhadores.

Ja a Espanha, que, numa primeira fase, quis enfrentar a crise com medidas expansionistas (aumento das indemnizações por despedimento, aceleração do investimento em obras públicas e redu-

Congresso As alternativas reunidas

Um dia para debater ideias e respostas à crise vindas do lado esquerdo da política

Sexta-feira, dia 5 de outubro, ainda é feriado. Não para os organizadores do Congresso Democrático das Alternativas, que se realiza neste dia, na Aula Magna, em Lisboa. Da comissão organizadora fazem parte economistas, psicólogos, professores, funcionários públicos, sindicalistas, militares de Abril... O congresso está cheio de conhecimento, gente responsável e capaz, que viu dramaticamente confirmadas a suas convicções de que austeridade gera recessão e destruição. E de que há capacidade para apontar um programa coerente de alternativas, específicas e económicas. José Bels é um dos promotores. O dia será dividido em cinco sessões temáticas: Desafios da denúncia do memorando da troika; O lugar de Portugal na Europa e no mundo; En alguns dos contributos:



«É prioridade de afirmação de Portugal? Contribuir para um verdadeiro federalismo republicano europeu, com uma clara base constitucional, com um sistema de governo eleito pelos cidadãos europeus, no uso da sua faculdade de 'múltipla cidadania'»
Viriato Soromenho-Marques, prof. universitário

«A Escola Pública e o Serviço Nacional de Saúde estão a ser desmantelados, de modo a servirem apenas a população economicamente mais débil, desviando para o setor privado as classes privilegiadas. Este facto implica a sua degradação e a transformação em serviços públicos residuais»
António Arnaut, criador do SNS

«A culpa disto tudo não é do Estado Social! É, sim, de um estado de coisas anti-social. As injustiças feitas às pessoas têm mesmo agravado o desempenho da economia como um todo»
Sandro Mendonça, economista

«Hoje tudo se quantifica, mas um pão corrido, porque foi dado por uma instituição, é completamente diferente de um pão comprado naturalmente com o nosso dinheiro, pago pelo nosso trabalho»
Teresa Villaverde, cineasta

«transparente: Um desenvolvimento sustentável que dignifique o trabalho e o lugar de Portugal na Europa e no mundo. En alguns dos contributos:

Figura 6. Reportagem em análise – p. 54 e 51.

ainda, que dentre tantas outras medidas, estas foram escolhidas e salientadas pelo repórter. Esta lista será reforçada pelos argumentos das autoridades apresentados na página 51. Isto é, os diferentes papéis sociais atribuídos às autoridades vão endossar com citações as medidas mais benéficas, fornecendo, eles mesmos, medidas alternativas àquelas tomadas por Portugal. Claro está que, ao ler o corpo do texto, o repórter mostra, por exemplo, o caso francês de fuga de fortunas em França ao ser tomada a decisão de taxar os mais ricos, mas este lado negativo de uma medida considerada positiva só está marcado linguisticamente, no corpo do texto. Visualmente, a indicação é de total positividade. Assim, o argumento de autoridade, o uso de citações, associado a criação de um significado interativo, pela apresentação das fotografias das diversas personalidades com papéis sociais valorizados, reforçam a tese desta reportagem que é procurar salientar o efeito positivo de ações tomadas por outros países ao contrário das ações tomadas pelo governo português.

5. Conclusão

Certamente, o uso do visual está cada vez mais presente nos diversos textos que circulam socialmente. Podemos mesmo afirmar que todos os textos são multimodais uma vez que congregam diversos modos semióticos. Na sequência desta afirmação, e como resultado desta diversidade, podemos afirmar que todos os elementos, sejam verbais e não-verbais, vão participar para atingir o papel comunicativo do texto na sociedade. Esta é uma mudança de paradigma que os estudiosos da linguagem não podem ignorar. De facto, o texto, como atividade global da comunicação, é produto da interação humana. Além disso, esta interação é feita por diversos modos semióticos que vão influir na interpretação do texto. Portanto, os recursos não visuais podem ser estratégias argumentativas relevantes em vários géneros textuais, e, como procurámos mostrar, tornam-se fundamentais na construção argumentativa da reportagem. Assim, reiteramos a ideia de que estes recursos não linguísticos podem atuar como marcadores de ponto de vista e entram na organização geral do texto. Sem dúvida, um olhar mais crítico acerca do funcionamento destes recursos pode ajudar a desenvolver leitores mais críticos. Como bem defendem Kress, Leite-Garcia & Van Leeuwen (1997), a linguística deve procurar responder às práticas, preocupações e necessidades no uso da linguagem nos nossos dias. E, sem dúvida, no uso da língua, o verbal interage cada vez mais com o não verbal. Portanto, analisar a relação entre os diferentes modos semióticos é essencial se quisermos entender como se processa a comunicação em nossos dias.

Referências

- Adam, J.-M. (2008). *A linguística Textual : Introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez.
- Adam, J.-M. (1999). *Linguistique textuelle : des genres de discours aux textes*. Paris: Nathan.
- Adam, J.-M. & Bonhomme, M. (1997). *L'Argumentation Publicitaire: Rhétorique de L'Éloge et de la Persuasion*. Paris: Nathan.
- Anscombe, J.-C. & Ducrot, O. (1972). *L'argumentation dans la langue*. Liège: Mardaga.
- Bazerman, C. (2005). *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo, SP: Cortez Editora.
- Bronckart, J-P. (2008). Genre de textes, types de discours et degres de Langue. *Revue Texto!* Janvier, vol. XIII, nº 1. Disponível em: http://www.revue-texto.net/docannexe/file/86/bronckart_rastier.pdf

- Bronckart, J-P. (1999). *Atividades de Linguagem, Textos e Discursos. Por um Intercionismo Sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC-SP, EDUC.
- Coutinho, M. A. (2005). Para uma linguística dos gêneros de texto, *Diacrítica*, 19(1), 73-88.
- Dionísio, A. & Vasconcelos, L. (2013). Multimodalidade, Gênero Textual e Leitura. In C. Buzen & M. Mendonça (Orgs), *Múltiplas Linguagens para o Ensino Médio* (pp. 19-42). São Paulo: Parábola.
- Dionísio, A. (2006). Gêneros multimodais e multiletramento. In A. Karwoski, B. Gaydeczka & K. Brito (Orgs), *Gêneros Textuais: reflexões e ensino* (pp. 131-144). Rio de Janeiro: Lucerna.
- Ducrot, O. (1972). *La preuve et le dire*. Paris: Mame
- Halliday, M. A. K. (1978). *Language as Social Semiotic. The Social Interpretation of Language and Meaning*. London: Edward Arnold.
- Koch, I. (2002). *Argumentação e Linguagem* (7ª ed.). São Paulo: Cortez.
- Kress, G. (2003). Multimodality, Multimedia and Genre. In *Literacy in the New Media Age* (pp. 106-121). London: Routledge.
- Kress, G. & van Leeuwen, T. (2006). *Reading Images. The Grammar of Visual Design*. London: Routledge.
- Kress, G, Leite-Garcia, R. & Van Leeuwen, T. (1997). Discourse Semiotics. In Van Dijk (Ed.), *Discourse as Structure and Process: Studies a Multidisciplinary Introduction* vol 1 (pp. 257-291). Série Discours: Sage Publication,
- Leal, A. (2011). A organização textual do gênero cartoon: aspectos linguísticos e condicionamentos não-linguísticos. *Tese de Doutorado em Linguística. Teoria do Texto*, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Medina, C. (1988). *Notícia: um produto à venda*. São Paulo: Summus Editorial.
- Perelman, C. (1977). *L'empire rhétorique*. Paris: Vrin.
- Pinto, R. (2010). *Argumentar e Persuadir: práticas jornalística, jurídica e política*. Lisboa: Quid Juris.
- Pinto, R. & Leal, A. (2012). *Argumentação e Multimodalidade em Textos Mediáticos*. Porto: JADIS II, 5-7 novembro de 2012.

Fontes

- Revista *Visão* – semana 04/outubro a 10/ outubro 2012 – Medipress - Sociedade Jornalística e Editorial, Lda.
- Revista *Visão* – semana 05/novembro a 11/ novembro 2015 – Medipress - Sociedade Jornalística e Editorial, Lda.

[recebido em 30 de novembro de 2017 e aceite para publicação em 21 de junho de 2018]